

	CONTINENTE		AÇORES	MADEIRA
ocorrência	Res	Vis	-	-
categoria	VU*	VU	-	-

Taxonomia

Aves, Accipitriformes, Accipitridae.

Tipo de ocorrência

Residente e Invernante.

Classificação

População residente: VULNERÁVEL – VU* (D)

Fundamentação: População muito reduzida (50-250 indivíduos maduros). No entanto, por se admitir que a população em Portugal poderá ser alvo de imigração significativa e não ser de esperar que a imigração das regiões vizinhas possa vir a diminuir, na adaptação à escala regional desceu uma categoria.

População invernante: VULNERÁVEL – VU (D)

Fundamentação: População reduzida (250-1.000 indivíduos maduros).

Distribuição

Nidifica no Paleártico, desde a Península Ibérica e Marrocos até à Ásia Menor e Ásia Central, com populações residentes ou dispersivas no Oeste europeu e em toda a franja sul da sua área de distribuição, sendo as restantes migradoras (del Hoyo *et al.* 1994, Cramp 1998). Inverna principalmente nos países circum-mediterrânicos, incluindo França, na África subsariana e no subcontinente indiano (del Hoyo *et al.* 1994).

Em Portugal ocorre principalmente como nidificante junto à faixa litoral – nos estuários, rias, lagoas e pauis ou sapais dos troços terminais de rios –, mas existem evidências de casais nidificantes no interior do país, particularmente no Alentejo, junto a albufeiras, por exemplo (Rosa *et al.* 2001b, ICN dados não publicados). A população presente durante o Inverno aparenta distribuir-se essencialmente ao longo das zonas húmidas da faixa litoral, concentrando-se, tal como a população nidificante, maioritariamente em quatro zonas: Ria de Aveiro, Baixo Mondego, estuário do Tejo e estuário do Sado, que no conjunto contêm 70-92% do total de indivíduos recenseados (Fernandes *et al.* 1995, Rosa *et al.* 1998, Rosa *et al.* 2001b). Mais raramente, algumas aves são também observadas no interior do país (Fernandes *et al.* 1995, Costa 1998b, Onofre N dados não publicados), tal como acontece em Espanha (*cf.* de Juana *et al.* 1988).

Circus aeruginosus (Linnaeus, 1758)



Águia-sapeira, Tartaranhão-ruivo-dos-pauis



População

A população nacional nidificante de tartaranhão-ruivo-dos-pauis estará compreendida entre 50-250 indivíduos maduros (64-69 casais, em 1998 segundo Rosa *et al.* 1998). De acordo com os censos feitos por Fernandes *et al.* (1995) e Rosa *et al.* (1998), tem-se verificado um aumento dos seus efectivos, que será real e não o resultado de maiores esforços de detecção. Esta tendência já tinha sido sugerida por Costa *et al.* (1993) para o estuário do Tejo. Este aumento não torna a população portuguesa necessariamente menos vulnerável, pois tem-se traduzido principalmente num aumento da concentração de casais reprodutores nas áreas já tradicionais e não tanto numa expansão em área (Rufino 1989, Fernandes *et al.* 1995, Rosa *et al.* 1998). Sabe-se, por outro lado, que os riscos de diminuição da extensão e da qualidade do habitat nos estuários e lagoas litorais continuam a ser grandes (Leitão *et al.* 1996).

A nível europeu a espécie é considerada como *Não Ameaçada* (BirdLife International 2004), estando a sua população estável ou em aumento, facto que se pensa estar relacionado com a proibição do uso do DDT (Hagemeijer & Blair 1997). Em Espanha, esta espécie é considerada como *Pouco Preocupante (LC)* (Madroño *et al.* 2004), apresentando aumento em várias regiões (Jubete 2003). Assim, admitiu-se um risco de extinção mais reduzido para a população nidificante em território nacional, tendo-se por isso descido uma categoria na adaptação regional.



Circus aeruginosus (Linnaeus, 1758)

Águia-sapeira, Tartaranhão-ruivo-dos-pauis

A população invernante em Portugal estará compreendida entre 250 e 1.000 indivíduos; foi estimada num mínimo de 135 indivíduos em 1990-94 (Fernandes *et al.* 1995, Leitão *et al.* 1996), e em 347 em 1998-99 (Rosa *et al.* 2001b). Este incremento no número de aves invernantes é atribuído, segundo estes autores, à recuperação dos efectivos nidificantes em Portugal e também nos países de proveniência.

Habitat

O habitat da população reprodutora em Portugal é formado por zonas húmidas (estuários, lagoas, pauis, sapais, albufeiras, etc.), nidificando principalmente em caniçais *Phragmites australis*, mas também em zonas mistas com tabúas *Thypha spp.*, juncos *Juncus spp.*, salgueiro *Salix spp.*, tamarqueira *Tamarix spp.*, sapais e caçando nos habitats abertos envolventes (caniçais, sapais, vala, arrozais, searas, pastagens e espelhos de água) (Costa *et al.* 1993, Fernandes *et al.* 1995, Leitão *et al.* 1996, Fernandes 1998, Rosa *et al.* 1998). Na Ria de Aveiro, os sapais e caniçais são os biótopos de caça preferidos (Fernandes 1998).

À semelhança da população nidificante, no Inverno está também associado a zonas húmidas, utilizando como dormitórios os caniçais, as zonas mistas de caniço e os sapais, e caçando nos habitats abertos acima descritos (Costa *et al.* 1993, Fernandes *et al.* 1995, Leitão *et al.* 1996, Costa 1998b, Rosa *et al.* 1998). No interior, as poucas aves observadas ocorre em cursos de água espraçados, canteiros de arroz e outras terras de regadio ou albufeiras (Costa 1998b; Onofre N dados não publicados).

Factores de Ameaça

Os principais factores de ameaça são a destruição e a degradação das zonas húmidas por meio de drenagem e mobilização para utilização agro-pecuária (destruição de caniçais e outra vegetação palustre, bem como dos habitats de caça envolventes), urbanização e desenvolvimento de infra-estruturas (Fernandes *et al.* 1995, Leitão *et al.* 1996, Rosa *et al.* 1998). Estes autores referem ainda outros factores, como a poluição da água com metais pesados e pesticidas provenientes de efluentes industriais e agrícolas. Também o saturnismo, que em Portugal constitui uma ameaça real para as aves que dependem das zonas húmidas (Rodrigues 1998), poderá afectar negativamente esta espécie tal como acontece em França e Espanha (Hagemeyer & Blair 1997, Jubete 2003). A importância do abate e da perturbação directa na população nidificante não está ainda esclarecida (Leitão *et al.* 1996, Rosa *et al.* 1998).

A concentração da espécie num número reduzido de áreas torna-a, naturalmente, mais vulnerável à incidência destas ameaças.

A população invernante estará sujeita às mesmas ameaças, mas acresce uma maior vulnerabilidade e risco de abate por parte de caçadores que se deslocam às zonas húmidas para a caça a aves aquáticas durante a época venatória.

Medidas de Conservação

A conservação da espécie passa necessariamente por:

- conservação e recuperação das zonas húmidas, nomeadamente manutenção, restabelecimento e gestão de caniçais, outra vegetação palustre e sapais;
- estudos sobre contaminação e efeitos de metais pesados e pesticidas (Fernandes *et al.* 1995, Leitão *et al.* 1996);
- acções de sensibilização para a conservação e recuperação das zonas húmidas e de demonstração da sua importância e vulnerabilidade em termos naturais e para as populações de tartaranhão-ruivo-dos-pauis, em particular (Fernandes *et al.* 1995);
- fiscalização da actividade venatória nas zonas húmidas e nas suas imediações e investigação sobre o real impacto do abate e perseguição por parte dos caçadores sobre a espécie (Leitão *et al.* 1996);
- proibição da utilização de bagos de chumbo pelos caçadores nas zonas húmidas.

Notas

São observadas aves em passagem em Portugal, mas com expressão reduzida, sendo disso reflexo o pequeno número de aves avistadas na região de Sagres (Tomé *et al.* 1998).